

CULTURA FUNDAMENTO À HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Miguél Eugenio Almeida (UEMS)

RESUMO

O *homo culturalis* representa a dimensão cultural do próprio homem em sua produção geral. O homem, por sua natureza, expressa o seu ser por aquilo que faz, realiza. A linguagem insere-o no contexto da produção cultural em geral. Portanto, a relação da língua, numa perspectiva historiográfica da lingüística, com a cultura está em perpetuar a caminhada da história cultural do homem.

Palavras-chave: cultura; historiografia lingüística; antropologia filosófica; lingüística histórica; lingüística aplicada

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O *homo culturalis* representa a dimensão cultural do próprio homem em sua produção geral, ou seja, a cultura implica em dar forma a algo – objeto determinado – a partir de elemento-base (físico e/ ou não-físico) que é determinado pela força da ação do espírito impulsionando o trabalho físico-orgânico (Mathieu *apud* Mondin, 1980). O homem expressa o seu ser por aquilo que faz, realiza. O produto de o seu fazer denota a sua capacidade de construir algo mediante o exercício das faculdades espirituais.

Assim, a linguagem insere-se, nesse contexto, como produto cultural humano. Ela, de modo especial, constitui o principal agente do pensamento que se traduz, sobremaneira, pela capacidade de ordenar, organizar tudo aquilo pragmaticamente considerando a organização do bem estar social e individual do ser do homem.

A seguir, apontamos algumas relações dessa (cultura) com a Historiografia Lingüística e da linguagem com a Historiografia Lingüística.

CULTURA E HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Inicialmente, mostramos o contexto cultural em que se insere o homem e a sua dimensão de ser *homo loquens* habilitando-o inte-

ragir no seu próprio universo; pois o homem é a expressão de sua cultura que o caracteriza fundamentalmente entre os demais seres da criação. A cultura exprime a ação humana pela fabricação de objetos usados quer como utensílios de trabalho, principalmente.

Destarte, a cultura acontece mediante o concurso de um plano ordenado pela capacidade cognitiva humana; assim, o homem é a *causa eficiente* dos produtos culturais; para tanto, ele apodera-se de todos os recursos oferecidos pela natureza e a transforma em objetos e utensílios. Primeiramente, esse busca conhecer aquilo que busca apropriar-se, resultando em um conjunto de teorias e leis. Esse conhecimento faz parte da produção cultural que alavanca em cadeias as demais produções materializadas sob a forma de objetos e utensílios tornando-se necessários para a comodidade da vida do ser humano. Entendemos que o conjunto cultural humano expande-se cada vez mais diante das novas possibilidades evolutivas de interação desse com o meio em que vive. Diante desse fato, há a seguinte consideração:

A cultura é o ambiente (*environment*) artificial, secundário, que o homem sobrepe ao natural. Ele compreende a linguagem, os hábitos, as idéias, as crenças, os costumes, a organização social, os produtos hereditários, os procedimentos técnicos, os valores. (Niebuhr *apud* Mondin, 1980: 171).

Isto implica a especialização da linguagem humana ao interferir na natureza, em geral. A linguagem, no entanto, tem um papel moderador para a cultura, ou ainda, ela auxilia o trabalho de planejamento e execução do fato cultural e encarrega-se de propagá-lo pela história. A linguagem traduz para o próprio homem a sua cultura. Na inter-relação do homem com a cultura, compreendemos com Mondin (1980) as seguintes características dessa (cultura):

1. *Humana, social e laboriosa* – quanto à origem. O homem é o artífice da cultura; pois, por ela trabalha arduamente para manter-se agregado aos grupos sociais. Assim, o esforço humano centra-se na atividade de produção e fruição sócio-cultural.
2. *Sensível, dinâmica, múltipla e criativa* – quanto à forma. No caso, os sentidos assimilam as manifestações culturais. A dinamicidade está na evolução ou transformação contí-

nua dessas manifestações; e a multiplicidade ocorre pela aquisição das diferentes formas dadas por uma evolução temporal. Por outro lado, a criatividade cultural atende a capacidade cognitiva humana pela transformação da natureza em elemento cultural determinado.

3. Representa um fim quer sob o âmbito religioso, quer sob o âmbito humanista e quer sob o âmbito naturalista. No primeiro caso, a cultura propõe elevar o homem a Deus; no segundo caso, a cultura alavanca o progresso e o bem-estar humano; e no terceiro caso, essa direciona o ser humano a conquista e o desenvolvimento da natureza.

Isto nos remete ao fato de que a cultura está intimamente relacionada com a natureza existencial do homem para a autotranscendência infinita.

Diante desta exposição, ocorrem-nos a indagação referente à relação da cultura com a Historiografia Lingüística: como traduzir a relação da cultura com a Historiografia Lingüística? Em que os elementos culturais podem contribuir para auxiliar a análise historiográfica da lingüística? A relação entre elas é contundente; pois a cultura abarca toda atividade humana direcionada para o conjunto das relações sociais e históricas. Diante dessa realidade, percebemos que os elementos pertinentes da história da cultura determinam a concepção de linguagem determinada no espaço da história de uma língua; pois, a Historiografia Lingüística aplica-se em descrever a história externa e interna de uma língua, ou seja, “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios”. (Sebeok *apud* Koerner, 1996: 45). À guisa de esclarecimentos, apresentamos os referidos princípios koerneanos:

1. *Contextualização* – aponta para as concepções de época das diferentes correntes filosóficas, políticas, econômicas, científicas e artísticas que se interinfluenciam mais ou menos no período histórico determinado e, de modo especial, no ideário lingüístico e no meio social em geral. Assim, busca sondar as manifestações intelectuais e artísticas do homem que, forma pertinente, possam influir na organização do pensamento lingüístico, em geral.

2. *Imanência* – procura evidenciar os elementos internos da língua.
3. *Adequação* – a partir dos procedimentos metodológicos anteriores, avança, sobremaneira, na tentativa de fazer a aproximação histórica das ocorrências com as teorias modernas da lingüística, para estabelecer relações de *continuidade* e *descontinuidade*.

Dentre estes, destacamos a *contextualização*, porque contempla uma gama de possibilidades interativas para dialogar com as muitas manifestações culturais em um contexto de época expressando o pensamento humano inscrito em uma obra cultural. Quando o homem realiza uma ação, ele põe nela, em primeiro lugar, uma finalidade, ou seja, o seu fazer implica sempre um fim. Portanto, o fim é que orienta a prática cultural apontando a intenção última da existência de alguma coisa. Este princípio procura evidenciar a *visão de mundo* do homem em um período histórico compreendido, ou melhor, procura saber a posição desse diante do mundo.

A partir desse dado, entendemos o esforço do ser humano quando concentra o seu esforço internalizando o seu modo de ser na atribuição de um fim para a sua obra cultural. Assim, todos os objetos culturais passam a representar uma teleologia para o homem, como por exemplo: algo passa a ter um fim religioso quando ele o destina para os rituais sagrados; mas se alguma coisa é feita para proporcionar uma melhor condição de vida humana, então passa a ter uma finalidade humanística; e quando algo é destinado a ter uma função intervencionista na natureza, essa (função) torna-se naturalística.

A cultura manifesta o homem em todas as dimensões, porque ora concentra-se em sua religiosidade, ora concentra-se em seus aspectos sócio-humanísticos e ora concentra-se em busca da dominação da natureza. Quando perseguimos a questão da linguagem, percebemos que ela é a parte de relação do homem com todas as dimensões de relação que o envolve. A linguagem é o sopro de vida humana que o torna capaz de ser o *homo culturalis*. Nada mais justo conhecer a linguagem humana em si, sem antes conhecer todas as manifestações culturais (se possível), porque a linguagem humana está

implícita em todos os bens culturais. Esses traduzem o modo de vida humana e, por sua vez, a sua concepção.

A linguagem, além de sua finalidade comunicadora, expressa ser do homem em todas as suas dimensões relacionais tornando-o um ser singular.

A Historiografia Lingüística, no âmbito do princípio da contextualização, procura dialogar com tudo aquilo que expressa o saber humano, para que possa buscar uma identidade de linguagem em um contexto histórico. Ao historiógrafo da linguagem, Koerner (1996: 45) adverte o seguinte: “[...] exigindo [dele] um conhecimento quase que enciclopédico da parte do investigador, dada a natureza interdisciplinar dessa atividade”.

LINGUAGEM E HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

A linguagem, como bem cultural, vem despertando ao pesquisador, desde a Antigüidade até nossos dias, o interesse em conhecer profundamente esse fenômeno. Por isso, constitui o objeto de interesse quer para os filósofos da linguagem e antropólogos, quer para os lingüistas. Assim, ela (linguagem) passa ser o foco das atenções de pesquisa relacionada ao fenômeno humano mais contundente.

Cassirer (1977: 183) acrescenta um dado a mais sobre o papel dos nomes na linguagem com relação aos demais estudiosos da linguagem quando afirma: “Sua verdadeira função não é descrever coisas, mas despertar emoções humanas; não é transmitir simplesmente idéias ou pensamentos, mas levar os homens a certas ações”. Percebemos, no caso, a função da linguagem relacionada com a Antropologia Filosófica leva gerir a ação humana em todas as suas atividades. A linguagem é o mecanismo principal do homem, porque organiza todos os processos desencadeadores do trabalho humano na sua produção cultural. Destarte, os bens culturais são construídos a partir da linguagem; pois essa está presente no homem, agente cultural.

Diante disto, o homem diferencia-se notoriamente dentre os animais pela linguagem que o torna entre os demais seres, o mais desenvolvido. A respeito, atentamos o que pondera o antropólogo da filosofia:

Mas no caso do homem encontramos não apenas, como entre os animais, uma sociedade de ação, mas também uma sociedade de pensamento e sentimento. A linguagem, o mito, a arte, a religião, a ciência são elementos e condições constitutivas desta forma superior de sociedade. São os meios pelos quais as formas de vida social, que encontramos na natureza orgânica, evoluem para um novo estado, o da consciência social, que depende de um duplo ato, de identificação e discriminação. (Cassirer, *op.cit.*, p. 349).

A *consciência social* do homem torna-o não simplesmente um ser gregário, mas unido pela partilha das benesses dos bens culturais produzidas em prol do grupo, porque nenhum homem vive para si mesmo, mas para o outro. O outro é aquele que contempla e aquele que usufrui o bem produzido socialmente.

A linguagem humana, como objeto da lingüística, abarca uma gama de manifestações humanas (Koerner, 1996: 51). Portanto, como vimos anteriormente, ela (linguagem) manifesta-se indiretamente pela presença da organização social; pois o homem, em sua forma social de organização, necessita de construir meios quer sejam físicos, quer sejam não-físicos para otimizar fortemente as suas relações sociais. Outrossim, a linguagem é o mecanismo humano que torna possível a ação social, como bem cultural.

Diante do exposto, a linguagem é, para a Historiografia Lingüística, o objeto de estudo que revela a história, inclusive, da língua relacionada com os demais bens culturais, sob o ponto de vista externo; e sob o ponto de vista interno, a linguagem apresenta formas de elementos da linguagem influenciadas pelo meio cultural em questão. Destarte, White (*apud* Koerner, 1996: 52) faz seguinte observação: “ [...] é na própria *linguagem* que o historiador usa para descrever seu objeto de estudo, [...] que estão as distinções que os historiadores impõem aos seus materiais de uma maneira mais explícita e formal”. A linguagem detecta elementos da cultura geral, como por exemplo: prescrição e orientação do uso de formas. Esse fato atribui a aceitação e/ ou rejeição social diante de parâmetro do período histórico da língua.

A história da língua é que vai revelar o movimento de continuidade e descontinuidade dos elementos formais dessa. A *continuidade* não implica somente a manutenção de dados, mas principalmente no acréscimo de novos dados ampliando e melhorando tudo

aquilo que está posto em matéria de língua. A *descontinuidade* representa um rompimento profundo de paradigma. Em outras palavras, o historiógrafo da lingüística aponta o seguinte:

[...] é de esperar que muitas idéias tenham sido a nós transmitidas pelos nossos antepassados e, se existe mudança e inovação de fato, ela usualmente toma a forma de variação de temas, de seleção sobre o conhecimento acumulado, e desvios de clima intelectual que induziram a diferentes maneiras de ver as coisas. (Koerner, 1996: 63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos a relação antro-po-filosófica da cultura com a Historiografia Lingüística; pois, essa quando busca extrair os elementos de um *estado de língua*, procura estabelecer as possíveis relações lingüísticas de uso subordinado, de certa forma, com o momento histórico-cultural em questão. A história, de certo modo, determina o fazer lingüístico projetando o homem pela sua linguagem e capacitando-o para a organização social do uso dos bens culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica*. Tradução: Vicente Felix de Queiros. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

KOERNER, K. "Questões que persistem em Historiografia Lingüística". In: *Revista ANPOLL*, nº 2, p. 45-70, 1996.

MONDIN, B. *O Homem: quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica*. Tradução: R.L. Ferreira e M.A.S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980.